

LIÇÕES ESTRATÉGICAS E TÁTICAS DA GUERRA NA UCRÂNIA

Por Jean-Bernard Pinatel*



Canhão autopropulsado 2S5 Hyacinth-S do Exército russo disparando na direção de Donetsk (Yevgeny Biyatov/Sputnik).

Após 18 meses de guerra, é importante registrar as primeiras lições estratégicas e táticas do conflito na Ucrânia, a fim de adaptar a postura militar aos novos desafios tecnológicos e humanos de uma potencial guerra de alta intensidade.

ENSINAMENTO ESTRATÉGICO

Uma potência nuclear tem quase total liberdade de ação em regiões que ela considera vitais.

O conflito na Ucrânia é, desde Hiroshima, a primeira guerra travada pela primeira ou segunda potência nuclear do mundo em suas fronteiras, que declara estar agindo para proteger seus interesses essenciais. A Rússia tem, portanto, quase total liberdade de ação estratégica na Ucrânia. Na verdade, os líderes dos Estados Unidos e da França não estão preparados para assumir um risco nuclear para proteger Kiev¹.

Isto é o que a *The Economist* afirma na sua edição de 4 de outubro de 2023: “Joe Biden, America’s president, set objectives at the start of Russia’s invasion: to ensure that Ukraine was not defeated and that America was not dragged into confrontation with Russia” (“Joe Biden, o presidente dos EUA, estabeleceu objetivos no início da invasão da Rússia: garantir que a Ucrânia não fosse derrotada e que os EUA não fossem arrastados para um confronto com a Rússia”).

¹ Os Estados Unidos e a França, que apoiam aberta e militarmente a Ucrânia, são os únicos que têm suas forças nucleares de forma totalmente independente, o que não é o caso da Grã-Bretanha.

Isto foi o que um general americano amigo meu me disse em termos militares: “damos à Ucrânia o suficiente para sobreviver, mas não o suficiente para vencer”.

ENSINAMENTOS TÁTICOS

A consequência tática deste princípio, já destacada na década de 1970, quando a França finalmente teve uma dissuasão nuclear crível em seu segundo ataque², levou os Estados Unidos e a OTAN a recusarem estabelecer uma “zona de exclusão aérea”, ou “no-fly zone” sobre a Ucrânia conforme pedido no início do conflito pelo presidente ucraniano Volodymyr Zelensky, embora a tivessem estabelecido no Iraque durante a operação “Southern Watch” ou na ex-Iugoslávia. Esta recusa explica-se pelo risco, inaceitável para os Estados Unidos, não sendo a Ucrânia uma questão vital para eles, de pilotos das duas principais potências nucleares entrarem em confronto nos céus ucranianos com a escalada que resultaria disso.

Não é possível vencer uma guerra de alta intensidade sem superioridade aérea. Afirmei isto desde os primeiros dias do conflito, quando a Rússia destruiu metade da força aérea ucraniana em terra, de surpresa, o que levou o general Cavoli, que comanda as forças da OTAN, a declarar em abril de 2023: “A Força Aérea russa perdeu muito pouco, eles perderam 80 aviões. Eles têm outros 1.000 caças e caças-bombardeiros.” Esta superioridade aérea é adquirida através de um conjunto de medidas passivas e ativas:

As **medidas passivas** visam a proteção das aeronaves no solo, o que envolve sua dispersão por numerosas bases aéreas em profundidade e sua proteção em hangares concretados. É necessário estabelecer uma defesa antiaérea eficaz e agora eletromagnética em torno das bases aéreas contra enxames de drones. Estas medidas de proteção passiva devem abranger também todos os centros de formação e logística, depósitos de munições e corredores logísticos.

As **medidas ativas** referem-se ao número de pilotos e aeronaves de superioridade aérea e de apoio terrestre, bem como munições suficientes, incluindo mísseis ar-terra de longo alcance que atinjam a defesa antiaérea inimiga impedindo-a de disparar ((como a inovação das bombas planadoras e dos mísseis terra-solo e ar-solo hipersônicos russos).

Esta bolha de proteção inclui fogo de contrabateria para proteger o corpo blindado mecanizado do fogo aéreo e terrestre inimigo e permitir-lhe realizar ofensivas.

A defesa prevalece sobre o ataque no estado atual da tecnologia, desde que haja poder de fogo suficiente. As defesas clássicas que datam da Segunda Guerra Mundial mantêm todo o seu interesse, especialmente porque as forças agora podem ver tudo no campo de batalha. É o caso de trincheiras protegidas por campos minados ou de casas transformadas em fortificações. Este é também o caso de barragens maciças de granadas que neutralizam as lagartas dos veículos blindados com estilhaços. Os russos dispararam uma média de 20 mil projéteis por dia, enquanto o Ocidente não conseguiu fornecer um terço à Ucrânia, que no início do conflito consumia em um dia o que os Estados Unidos produziam em um

² Veja minhas memórias, l'Esprit Guerrier, edições Baland, 2023, 488 páginas, páginas 158 e 159.

mês e a França em um ano. E esta situação será ainda pior em 2024, com as ações ocidentais atingindo um limiar crítico.

O novo papel dos drones de reconhecimento e ataque com notável custo-benefício. Drones permitem a observação permanente do teatro de operações até o nível da unidade elementar. Além disso, tornam-se armas mortais: um drone que custa alguns milhares de euros como o “Lancet” russo pode neutralizar um tanque que custa 100 vezes mais. Ou um drone de longo alcance que custa um milhão de euros pode destruir uma aeronave desprotegida 100 vezes mais cara.

Importância dos estoques de equipamentos e munições e de capacidades significativas de reparação de equipamentos. Os danos causados aos equipamentos blindados pelos drones, suficientes para fazê-los perder capacidade operacional sem necessariamente destruí-los completamente, evidenciam a necessidade de contar com significativas capacidades de reparo e produção adormecidas, bem como estoques de munições de todos os calibres e de foguetes e mísseis de todos os tipos.

CONCLUSÃO PARA A EUROPA

A França tem uma posição privilegiada na Europa. É, entre os países da UE, não só geograficamente o mais distante do conflito atual, mas o único que protegeu seu território graças à credibilidade das suas forças nucleares. Mas, caso quisesse ajudar significativamente um aliado, participando de uma guerra de alta intensidade fora de suas fronteiras, falta-lhe um pouco de tudo, enquanto a Bundeswehr, que até agora confiou nos Estados Unidos para sua defesa, carece de tudo, como escrevi em 20 de março de 2023 no site [Geopragma](#).

Na verdade, as duas principais potências europeias não desenvolveram esforços financeiros suficientes durante 30 anos, nem fizeram as escolhas certas em termos de armas e munições. E não serão três bilhões adicionais por ano a partir de 2024 que permitirão à França recuperar o atraso em todas as áreas.

Assim, por exemplo, só em termos de aeronaves de combate, a França dispõe de apenas 90 Rafales, enquanto a Força Aérea considera necessários 250, um esforço da ordem de 25 bilhões considerando munições, peças sobressalentes e infraestruturas. E é a mesma situação em todas as áreas: a França tem apenas quatro regimentos blindados com apenas 200 tanques Leclerc que precisam ser renovados, sem falar na condição militar que leva as unidades a sofrerem de falta de pessoal e torna quase impossível aumentar os efetivos necessários sem esforços consideráveis.

Publicado no [Le Dialogue](#).

**Jean-Bernard Pinatel é general da reserva do Exército francês. Doutor em estudos políticos e mestre em ciências físicas (opção de física nuclear), é autor de seis livros sobre geopolítica, incluindo Histoire de l'Islam radical et de ceux qui s'en servante. É vice-presidente do think tank Geopragma.*
